

foto: Romy de J-D Burton



ROMUALD, HAZOUMÉ

Muito além de máscaras e essências

Romuald Hazoumé responde de modo crítico, não isento de ironia e lirismo, às expectativas existentes em relação à arte da África, seja o anseio por objetos imbuídos de vitalidade ancestral capaz de insuflar vigor à cultura ocidental, que persiste desde as apropriações modernistas, seja a prescrição contemporânea de que os artistas transitem entre local e global. E o faz lidando com um (talvez o mais recorrente) dos fetiches entranhados no imaginário ocidental em relação ao continente. Se há desejo por máscaras africanas, ele as oferece. Mas atende a essa demanda se apropriando de um elemento a princípio não artístico e mundialmente corriqueiro: galões para armazenamento e transporte de líquidos. Se a receita dominante é conjugar o glocal, o esperanto artístico recente, ele não deixa de fundir sintagmas, semânticas, sintaxes. Contudo, mais do que inventar um material para si e para a arte, mais do que tensionar linguagens, ele delineia uma poética de grande potência.

Com procedimentos típicos da arte hoje, ele fala do comércio ilegal de gasolina e outros derivados do petróleo, que estrutura e economia e a vida social no Benim atualmente. Fala do tráfico negreiro, bem como das atuais transações com passes de jogadores de futebol. Fala de mitos tradicionais na região. Fala da construção de subjetividades por meio de signos pessoais, marcações religiosas, penteados femininos. Entretanto, a transmutação de elementos variados em objetos, instalações multimídia e imagens pode ser conectada a práticas antigas locais, assim como, no cruzamento de questões culturais, sociais, históricas, econômicas e políticas, ele ultrapassa o âmbito local. A articulação de termos de idiomas variados – francês, ioruba, fon, inglês – nos títulos de suas obras é outro indício da multiplicidade de referências que ele manipula, dos atravessamentos que produz.

Articulando questões de economia, indústria cultural e imaginário na conjuntura contemporânea, ele abre reflexões sobre micro e macro política de alcance mundial – usos de recursos disponíveis, consumo no regime pós-industrial, religião, relações de gênero, identidade. Assim, irrestrito ao ensimesmamento de certa arte contemporânea, embora não alheio à sua problemática, Hazoumé questiona os processos pelos quais obras e intervenções dos artistas da África, em geral, e do Benim, em particular, se inserem e são absorvidas nos sistemas de arte e cultura.

Roberto Conduru







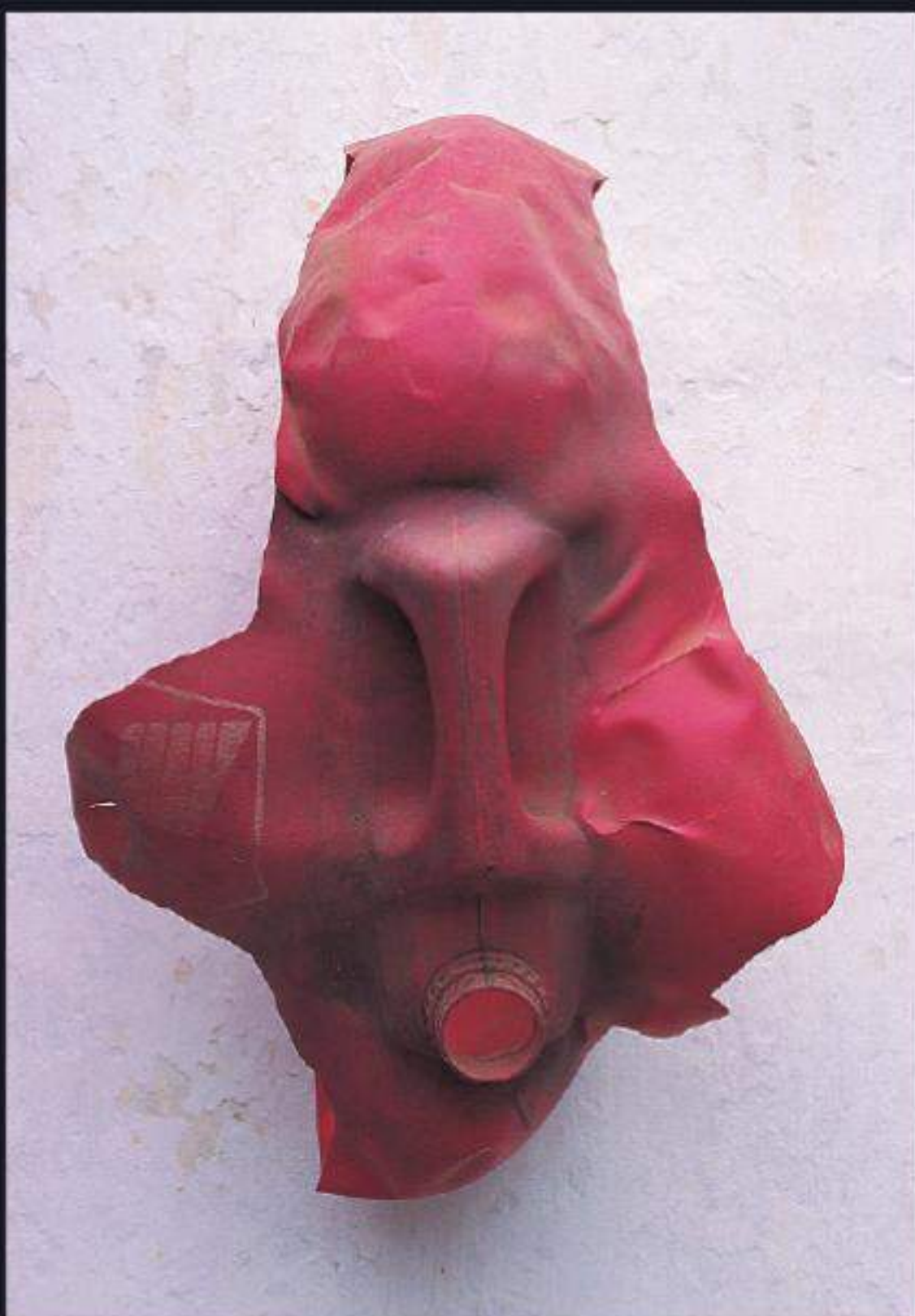


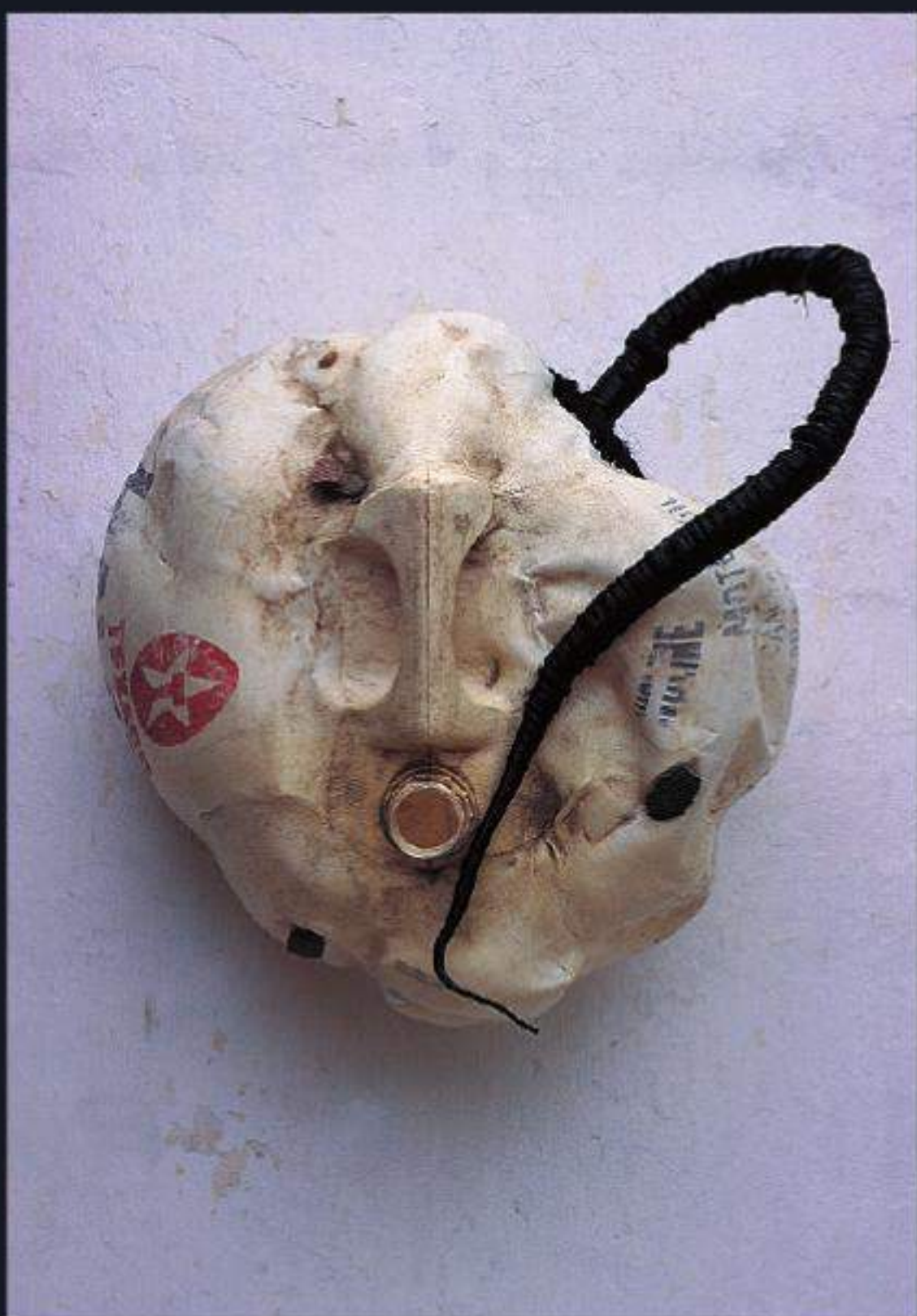






















Página 58-59 / 64-65

La bouche du roi (foto: Georges Hixson)

Production The Menil Collection, CAAC

Houston, Texas

1997-2005

Página 60

Transport en commun

Single airbag I

120 x 80 cm, 2004

Página 61

La roulotte

120 x 80 cm, 2004

Avion de terre

120 x 80 cm, 2004

BB

74 x 49 cm, 2004

Bidon armé

120 x 80 cm, 2004

Página 62

Cargo

130 x 484 x 186 cm, 2006

Página 63

Elf rien à foutre

Página 66

Zebra-gieter (foto: Tjeerd Kootstra)

16 x 32 x 20 cm, 1997

Ovan (foto: Pascal Maître)

30 x 40 x 34 cm, 1997

Rouge gorge (foto: Pascal Maître)

30 x 40 x 28 cm, 1997

Página 67

Zemi (foto: Pascal Maître)

40 x 40 x 28 cm, 1997

Gogolo (foto: Pascal Maître)

40 x 60 x 45 cm

Citoyenne (foto: Pascal Maître)

40 x 40 x 30 cm, 1997

Página 68

Exit ball

210 cm x 210 cm

2008

Página 69

Dan-ayido huedo (Raibon Serpent)

2007

Página 71

Roulette béninoise

120 x 80 cm, 2004

Página 72

La panne

A realização desse dossiê contou com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, do Embaixador Arnaldo Caiche D'Oliveira, de Milton Guran e André Jolly.